



FONTES HISTÓRICAS: A FUNCIONABILIDADE PARA A HISTÓRIA, AS DIVERSAS CLASSIFICAÇÕES E UMA ANÁLISE A PARTIR DO MÉTODO MARXISTA

Thalita N. ENDLICH – Centro Universitário Assis Gurgacz¹

Maria F. G. KARASEK – Centro Universitário Assis Gurgacz²

José Vinícius Gouveia TORRENTS – Centro Universitário Assis Gurgacz³

RESUMO: O seguinte artigo visa apresentar o conceito de fontes históricas, explicitando a interligação entre os diversos vestígios deixados pelo homem ao longo do tempo e a construção narrativa histórica, sendo as fontes a própria História, as quais ao serem examinadas são introduzidas de forma criteriosa em nichos. Dessa forma, os resíduos deixados pelo tempo introduzem o estudo do período a que pertencem, permitindo olhar de perto para a cultura, a política, o sistema de produção, os costumes, a alimentação, a vestimenta, e entre outros aspectos da sociedade de um determinado tempo, possibilitando que o historiador possa conectar cada fonte formando uma História completa que inclui todos os aspectos tanto da macro quanto da micro história. Ademais, a infinidade de rastros encontrados exigiu uma organização rigorosa, ramificando-se entre fontes materiais, que podem ser documentos, livros, artefatos, utensílios, construções arquitetônicas, etc. e imateriais, a cultura, os mitos, os rituais, a culinária, as celebrações, os ditados, e entre outros. Também acerca das fontes históricas, temos o objetivo de analisá-las dentro do conceito do materialismo histórico dialético, teorizado pelos pensadores Karl Marx e Friedrich Engels. Sendo assim, uma síntese dos rastros socioeconômicos deixados através do tempo, oferecendo diversas observações sobre a historiografia de revoluções e seus vestígios.

PALAVRAS-CHAVE: História, Fontes Históricas, Educação, Marxismo.

1 INTRODUÇÃO

Absolutamente tudo o que sabemos atualmente sobre os processos históricos, e como estes puseram o homem nos dias de hoje de uma forma e não de outra é fruto das fontes históricas, elas são vestígios deixados pelo homem ao longo das eras que caracterizam verdadeiros rastros que serão perseguidos pelos historiadores, a fim de realizar uma produção historiográfica científica. Já dentro da construção da narrativa

¹ Aluna do curso de graduação em História, Centro Universitário Assis Gurgacz. 1º período. E-mail: Thalitanicacio23@gmail.com.

² Aluna do curso de graduação em História, Centro Universitário Assis Gurgacz. 1º período. E-mail: mfgkarasek@hotmail.com.

³ Doutorando(a) em Educação, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: jtorrents@gmail.com.

histórica, a autenticidade desta é fruto exclusivamente destes pequenos pedaços da realidade de certa época, os quais são os únicos meios de se conectar com o passado e visualizar como as coisas se davam em um certo tempo com um determinado povo.

Portanto, a historiografia como ciência apenas é considerada como tal por conta das fontes, que são o vislumbre do passado e o auxílio de uma reflexão sobre o presente, esses vestígios que funcionam como um quebra cabeça proporcionam ao historiador juntá-los e formar não apenas uma História de fatos, mas uma ciência autêntica do homem do passado, uma passagem sobre as sociedades e suas diversas economias, políticas, culturas, sistemas de comunicação, vestimenta, alimentação, aspectos que permitem uma imagem de como as coisas se deram de uma certa forma e não de outra, e estendem-se como consequência para atos futuros, pois a História é constituída de consequência, atos que se dão de um jeito pois anteriormente houveram divergentes características que levaram a algo acontecer.

Outro aspecto a se analisar é que se quem constrói a História é o historiador a partir das fontes, este pode seguir uma linha de pesquisa acerca de seu objeto de interesse, buscando pistas específicas, ou analisando seus objetos de pesquisa de modo a problematizá-los para que encaixem em sua linha de pensamento. É deste modo que obtemos uma chamada história-problema, na qual os historiadores buscam no passado a explicação para dilemas sociais atuais, como costumes racistas e machistas em nossa sociedade, um pesquisador preocupado com a questão econômica sempre penderá seus estudos a uma metodologia mais marxista, o que abordaremos mais à frente.

Atualmente temos praticamente uma infinidade de fontes históricas a serem analisadas, pois com a revolução causada pela Escola dos Annales diversas áreas, antes ignoradas ou pouco notadas, começaram a se sobrepor e adentrarem o campo dos vestígios históricos, como por exemplo, a valorização do depoimento, a análise de pinturas, desenhos, vestimentas, utensílios, o direcionamento de um olhar mais cauteloso às cantigas, as parlendas, os ditos populares, e toda a cultura popular. A partir da corrente culturalista toda produção feita pelo homem poderia ser considerada um possível resquício de sua vivência, apenas esperando que um historiador a analisasse e acrescente à História o que antes eram detalhes invisíveis. Entretanto,

como elucidado, as fontes imateriais, ou pelo menos as não documentais, antes eram raridade no cenário histórico, cujo baseava-se numa metodologia positivista fruto de seu tempo, pois com a recente revolução industrial, as influências de Auguste Comte e resquícios de um Iluminismo bem sucedido, a única História possível era aquela que fosse inteiramente comprovada de forma científica, ou seja, com a presença física de documentos oficiais e produzidos pela classe dominante.

Além disso, o culturalismo não fora a única metodologia a considerar as fontes de outros modos, pois a partir das mudanças sociais, econômicas e políticas fruto da revolução industrial e o recente capitalismo, uma nova corrente histórica começou a ser difundida, o chamado marxismo, teorizado inicialmente por Karl Marx e Friedrich Engels, propunha que a História fosse pensada a partir dos processos econômicos e pelas lutas de classes que sempre estiveram presentes em todas as sociedades. Portanto, questionamentos acerca das fontes como objetos de dominação e repressão agora começam a ser relevantes. Ademais, a análise da posição da classe trabalhadora, ou a oprimida, dentro da construção historiográfica revelou a invisibilidade de todos os seus processos, suas lutas e ambições, uma cultura diferente da que à elite tinha, sua base alimentar, do que eram constituídas suas vestimentas e entre outros aspectos ignorados pela História positivista, mas que dentro das novas correntes teriam um destaque maior.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AS FONTES COMO UMA REFLEXÃO DO PRESENTE

Ao iniciar uma produção historiográfica o historiador busca sempre a autenticidade e a científicidade de seu trabalho, e pra isto a sua única alternativa são as fontes históricas, os vestígios deixados pelo homem ao longo do tempo que ao serem resgatados relembram o passado e constituem toda a História que conhecemos hoje. Segundo Barros (2020):

“Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história. (BARROS, 2020, p. 5).

Ao estudarmos a História não apenas tomamos conhecimento da ancestralidade de nossa espécie e seus grandiosos feitos, mas também refletimos sobre suas ações e como estas implicam em nosso presente. Um exemplo, é a forma que diversos sistemas econômicos funcionaram em suas determinadas épocas e o que os fizeram chegar à queda, dando espaço para que outros fossem modelados e dominassem por um certo tempo. Além disso, o modo como as sociedades sempre tivera divisões sociais, uma parcela dominante e outra dominada, reforça a proposta de Marx e Engels na metodologia marxista que “a exploração de uma parcela da sociedade por outra é um fato comum a todos os séculos passados” (MARX; ENGELS, 2008). Essa afirmação e a análise dos fatos nos permite a compreensão que a luta de classes ainda está presente em nossos dias atuais, com a permanecia do sistema capitalista, a exploração do trabalhador pela burguesia ilustra bem essa dominância perpetuada desde que o homem formou a primeira sociedade, apenas havendo uma reformulação acerca da nomenclatura das classes, mas que a posse do poder continua sendo pertinente à elite.

2.2 UMA CLASSIFICAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS

Inicialmente as fontes históricas não dispunham da vastidão que possuem hoje, pois com a influência do positivismo do século XIX apenas os documentos que preservavam a classe dominante eram considerados, ou seja, “só faziam parte da escrita histórica os fatos extraordinários, heróis historicamente consagrados e, na sua grande maioria, ligados ao campo da política.” (BARROS e col., 2013, p. 59). Entretanto, com a mudança paradigmática ocasionada pela Escola dos Annales a forma que a História era feita passou por uma reviravolta, agora havia a valorização dos antes excluídos e o início da introdução de tudo o que antes era tido como fútil, ou não importante o suficiente para gerar História. Além disso, segundo Pinsky (2008), as próprias fontes também possuem historicidade, pois documentos que antes

dialogavam com a metodologia positivista agora apenas murmuram, e o que antes era invisível propõe a justamente enriquecer a História.

A partir do culturalismo e a crescente variação de fontes diversos historiadores começaram a introduzir a interdisciplinaridade dentro da produção historiográfica, utilizando-se da linguagem, geografia, sociologia, filosofia e até mesmo da psicologia e da genética para estudar os diversos processos do homem no mundo, e analisando todos esses novos processos é que a necessidade de uma classificação para as fontes históricas começou a ser uma preocupação para historiadores, a fim de organizar e facilitar a variedade de novos documentos.

O modelo utilizado neste artigo é o teorizado pelo historiador José D'Assunção Barros, cujo dividiu os resquícios da História em fontes materiais, imateriais, de conteúdo e as virtuais, algumas contendo subdivisões e outras não. Conforme Barros (2020):

Muitos historiadores se empenharam em [...] construir taxonomias relativas a fontes históricas, as quais, à maneira das bem conhecidas taxonomias biológicas que descrevem em pormenor a variedade de diferentes espécies vivas, deveriam ser capazes de descrever e ordenar os diferentes tipos de fontes históricas e de situá-las uma em relação com as outras, e todas no interior de um universo mais amplo que nada deixasse escapar em termos de diferentes tipos de fontes históricas. (BARROS, 2020, p. 11).

Ao que diz respeito às fontes materiais temos um universo de tudo que é perceptível, literalmente as fontes físicas, os utensílios da rotina de uma sociedade, uma estátua parte da religiosidade um povo, as pirâmides do Egito antigo, uma igreja do período medievo, e diversos outros objetos, construções urbanas, artefatos, moradias, etc.

Fontes materiais por excelência são os objetos, os utensílios e artefatos, mas também a espacialidade material, tal como o tecido viário através do qual o historiador pode ler a história da cidade, e também os 'lugares', nos quais "se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas, como mercados, feiras, santuários e praças" (CASTRO, 2008, p.17).

Um exemplo a ser dado sobre esta materialidade é a vestimenta da figura de Maria Antonieta durante a Revolução Francesa, enquanto as pessoas lutavam por direitos e uma vida digna, a então representante do povo ostentava suas vestimentas

ornamentadas com materiais luxuosos e que mostravam o poder da monarquia, a qual viria a decair. Os vestidos então representam uma fonte histórica material de grande importância para a reflexão de só sua usabilidade, mas também como um simbolismo da indignação do povo francês durante a revolução e a importância que a coroa dava a seus súditos.

Os vestígios materiais também apresentam usabilidade, como a colher que é usada para comer, o uniforme que representa uma norma de alinhamento de um certo grupo, seja de trabalhadores ou estudantes, o arco e flecha de uma sociedade indígena utilizado para a pesca e caça, ou até mesmo uma pintura de um artista ilustre, todas essas peças ajudam a situar em que época histórica estas foram produzidas, quais suas finalidades dentro da sociedade, e se possível, fazer a relação entre a contemporaneidade.

Já as fontes imateriais referem-se a cultura, as celebrações, os rituais, as piadas, os costumes milenares de uma sociedade, as receitas, os gestos, os mitos, os modos de fazer, os feriados, etc. Como as festividades de São João muito reconhecidas no Brasil nos meses de junho, julho e agosto, representam um costume de origem religiosa que se incorporou na sociedade brasileira de forma anual.

Além disso, as fontes imateriais representam uma constante preocupação para os historiadores, pois por não possuírem um apoio sólido sua significância e usabilidade pode desaparecer, fazendo com que culturas e diversos aspectos importantes das sociedades sejam esquecidos de forma permanente. Dessa forma, atualmente diversos países já dispõem de institutos que ajudem a preservar o patrimônio imaterial de suas nações. O Brasil dispõe de uma vasta gama de fontes históricas dessa categoria, como citada, a festa de São João, o Carnaval, o folclore que além do nacional apresenta histórias regionais de épocas atrás, e que permanecem vivas até hoje a partir da oralidade e da herança cultural, juntamente ao IPHAN, Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional, que preserva pela continuidade da nossa cultura.

Já as fontes de conteúdo são divididas em dois grandes blocos, as verbais e não verbais, separando-as conforme o uso da linguagem de modo direito, além disso, há uma terceira divisão das fontes de conteúdo complexas, aquelas que unem a

linguagem, a textualidade juntamente a imagem e a sonoridade, a qual falaremos mais à frente.

Dentro das fontes verbais há ainda duas sub categorias, as textuais e as orais, a primeira é amplamente usada desde a História positivista, pois constituem a escrita como padrão, ou seja, documentos constitucionais, impressos diversos, jornais, livros, manuscritos, diários, e toda fonte que utiliza da linguagem escrita para comunicar algo. Além disso, esses documentos usam de suportes para manter sua longevidade, uma materialidade, a qual pode ser tanto física, como um livro, ou oral e virtual, como no caso de poemas que além de terem sua forma material escrita em algum papel podem ser mantidos na materialidade oral com declamações, e em uma forma virtual, mantidos na Internet.

Ainda dentro das fontes textuais a oralidade se faz presente, sendo uma categoria amplamente utilizada atualmente para construir mais detalhadamente a História, entretanto, seu uso começou a ser difundido recentemente, com os diversos depoimentos e entrevistas de figuras antes invisíveis.

Ao que diz respeito às fontes não verbais temos a iconografia, relacionada ao uso de imagens e representações gráficas, e a sonoridade, como o próprio nome diz, os sons, a música. Sobre fontes iconográficas temos uma vastidão de exemplos, desde os desenhos realizados pelos egípcios de seus Deuses, as pinturas renascentistas, as representações de santos nos mosaicos de igrejas medievais, as ilustrações de propagandas da segunda metade do século XX, ou seja, elas correspondem às pinturas, fotografias, mapas, plantas arquitetônicas, desenhos, charges, e entre outras diversas representações. Ademais, seus suportes são variados, podendo ser propagadas em jornais, livros, *outdoors*, quadros, fotografias, impressões, e no meio virtual por meio de vídeos e suas cópias digitais, ou até mesmo imagens que só existem na virtualidade. Essas fontes representam análises profundas de suas épocas, carregando simbolismos e explicações diversificadas para diversos costumes ou crenças de um povo, exemplos são os movimentos artísticos, carregados de relatos de suas épocas e representações imagéticas de suas conquistas ou lutas.

Além da iconografia temos a sonoridade, representante da música, que pode ser difundida a partir das partituras, do canto, de shows, e até mesmo no meio virtual por

meio das gravações, porém pra realizar uma análise profunda desta fonte, assim como nas outras, é preciso conhecer suas propriedades, os acordes, a melodia, os diferentes gêneros musicais, se essa música traz alguma crítica, qual sua finalidade e diversos outros pontos a se levar em conta.

Continuando, as fontes complexas integram a textualidade com a imagem e a sonoridade, e até mesmo os gestos, a representação corporal, como é feito no cinema e no teatro, os quais unificam diversos tipos de fontes e formam uma obra singular de grande profundidade, portanto, quando o cinema junta a imagem em movimento, a textualidade de seus roteiros, a performance dos atores, a musicalidade da trilha sonora, a obra torna-se atemporal e uma riquíssima fonte aos novos historiadores, para que analisem de infinitas formas um único filme a fim de entender onde este se encaixa na sociedade em que foi produzido. O mesmo é tido com o teatro e a dança, com as representações corpóreas e musicais, os gestos que ilustram suas épocas e permitem tornarem-se fontes complexas.

E por fim, as fontes virtuais vieram junto com a ascensão do mundo digital, após a explosão da internet nos anos 2000 os dados dentro de um outro universo constituem uma infinidade de outros meios a serem analisados, os podcasts, blogs, revistas on-line, as redes sociais, o Instagram com sua vastidão de fotos e vídeos, e mais atualmente o TikTok com uma produção extremamente acelerada de vídeos, constituem para os futuros historiadores um verdadeiro paraíso, com diversas fontes e modos de analisá-las. Entretanto, por serem tão recentes sua classificação fica vaga por hora, mas é algo que já exige olhares de profissionais especializados e que busquem organizar esses vestígios do meio virtual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável a presença no artigo de explicações sobre o funcionamento social das fontes e como elas influenciam desde sempre a sociedade. A História ocupa uma gigantesca parte de nossas vidas e assim com ela, as fontes, criando a cultura e a sociedade que conhecemos. É necessário o entendimento de onde vem todo o nosso conhecimento, e com isso, podemos usar de base o pensamento marxista, também

presente no artigo, com foco no cunho social e como a sociedade é construída. Ter conhecimento de algumas vertentes de filosofia e como elas influenciam os mais famosos pensadores da sociedade é necessário para o conhecimento cultural.

REFERÊNCIAS

BARROS, Eva Vilma Correia Paes; QUEIROZ, Márcia de Godoi; FERREIRA, Danielle da Silva. **O patrimônio imaterial como elemento da formação histórica**. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiohistoria/wp-content/uploads/2013/11/6Col - p.59-66.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2022.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas**: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. *Cadernos do Tempo Presente*, Sergipe, 2020.

CASTRO, Celso. **Pesquisando em Arquivos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SILVA, Elen Salete da; NETO, João Batista de Oliveira. **As principais metodologias no ensino de História**: positivismo, marxismo e escola nova.

REDIVI, Itajaí, 2017. Disponível em:
<https://periodicos.univali.br/index.php/redivi/article/view/11614>. Acesso em: 22 jul. 2022.